

A consolidação identitária jesuítica em meio ao debate reformista

Isabel Cristina Fernandes Auler¹

Resumo: Esse trabalho no estudo da obra *Adnotationes e Meditationes in Evangelia* de Jerônimo Nadal S.J, publicado em 1595 na Antuérpia. O livro de meditação originou-se de uma sugestão de Inácio de Loyola; sua proposta consistia em uma extensão do método de oração dos *Exercícios Espirituais* a todo o ano litúrgico, através da formulação de pontos para a meditação juntamente com comentários e ilustrações. Pretendo demonstrar que a obra nadalina representou a tentativa de uma conciliação entre vida ativa e contemplativa, através da elaboração de imagens retóricas – além das anotações e meditações acopladas a elas - análogas a sua tríade *spiritu, corde et practice*, que sintetizavam “o modo de proceder” da Companhia.

Palavras – chave: Companhia de Jesus, Contra Reforma, cultura visual.

Abstract: This paper consists on the analysis of Jerônimo Nadal’s book *Adnotationes et Meditationes in Evangelia*, published in 1595, in Antwerp. This book of meditation was a suggestion of Ignacio de Loyola; his proposal consisted in an extension, to the liturgical year, of the praying method that he developed in the *Spiritual Exercises*. I intend to demonstrate that this book represented Nadal’s aspiration to conciliate active and contemplative life through rhetoric images, which were analog to his epigram *spiritu, corde et practice*, that try to synthesize the “Jesuit way”.

Keywords: Jesuit Company, Counter Reformation and visual culture.

Baseado em narrativas bíblicas sobre a história da salvação do homem, o livro **Adnotationes et meditationes in Evangelia** contém gravuras que ilustram determinadas cenas da vida de Jesus Cristo. Cada imagem possui uma série de letras e suas respectivas *adnotationes* que, além de identificar os personagens e locais históricos, demarcam o processo narrativo, que deveria ser acompanhado pelo espectador.

Nadal foi um dos primeiros a juntar-se a Companhia; associou-se a ordem em 1545, após fazer os *Exercícios Espirituais* de Loyola. Considerado um segundo fundador da Companhia de Jesus, sua vida fora marcada pelas inúmeras viagens que fizera como porta-voz de Ignácio, para a promulgação das *Constituições*. Dentre as inúmeras funções que possuía, uma das mais relevantes consistiu na procura do significado da oração jesuítica, o que o tornou um importante autor espiritual e ascético dentro desta Ordem.

¹ Mestranda da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Agência financiadora: CAPES.

O modo de orar da Companhia não deve ir de encontro aos trabalhos que nos são próprios. Por isso é nossa incumbência nos prostrarmos diante desse problema até recebermos de Cristo a habilidade de fazer a acomodação correta. (BANGERT, 1992: 50)

A partir deste reconhecimento quanto à existência de um problema a ser resolvido, Nadal aprofundou-se na análise desta complexa relação entre vida ativa e contemplativa. Após a morte de Inácio, ele passou a almejar por um maior conhecimento espiritual místico, o que lhe fez retomar idéias de autores que o influenciaram no passado, em detrimento da teologia de sua época, que acreditava estar envolta em um árido intelectualismo, afastando-se, dessa forma, do caminho à ascese contemplativa e à prática pastoral.

Nadal concebe aos sentidos, em especial a visão, um papel muito importante à prática contemplativa, pois através dos “olhos exteriores” o espectador consegue abrir seus “olhos interiores” que o farão enxergar as verdades divinas e compreender sua missão, como companheiro de Jesus. A contemplação da graça divina deveria iniciar-se pela emoção; o coração seria a chave da elevação espiritual, não a mente. Além disso, a transposição do que foi apreendido a uma efetiva ação no mundo era a principal tarefa do jesuíta.

Pelo Espírito Santo a Palavra torna-se clara. No amor e na afeição do coração o Espírito Santo é manifesto. Através de seu coração trabalhe com Deus. (...) As revelações dadas nas escrituras devem animar a vida e encontrar preenchimento na ação. Na ação elas são finalmente compreendidas. (BANGERT, 1992: 218)

Através de suas experiências espirituais e intelectuais, Nadal conseguiu elaborar uma fórmula, cujos princípios sintetizam o modo de proceder jesuítico: *spiritu, corde, et practice*.

O agir no Espírito significava imputar tudo a Deus e à graça divina. Agir de coração significava trazer os sentimentos a tudo que se fizesse e nunca agir somente especulativamente- ut speculative tantum ne agamus. Atuar praticamente significava que a afetividade do jesuíta não era contemplativa, mas era dirigida a ajudar os outros. Numa palavra, atuar praticamente significa atuar pastoralmente.”Teologia mística” expressava um aspecto central do modo de proceder dos jesuítas.(O’MALLEY, 2004: 392)

Para Nadal, portanto, *Spiritu* significaria conformar-se inteiramente com a palavra de Deus, resignando-se por completo, tornando-se, assim, um instrumento da salvação. A vontade deveria estar a serviço da vocação que lhe fora concedida pela graça divina; nenhuma decisão deveria ser tomada sem uma prévia abnegação ao que fora determinado pelo Senhor.

Corde demonstra a importância do amor, pois, para Jerônimo, não bastava a sujeição, uma vez que, com o tempo, o devoto sentir-se-ia tentado a fazer o que realmente desejava. Por isso, para haver obediência dever-se-ia amar a Deus fazendo da Sua vontade um ato de regozijo interno. No entanto, contemplar apenas a palavra divina não era o suficiente; tornava-se imprescindível encaminhá-la a prática. *Practice*, portanto, consistia nos ministérios jesuítas, cujo objetivo era a salvação das almas.

não se deve cuidar de especulações somente, pois isso seria um erro muito grande; e nestes tempos esta (practice) é o mais necessário a se fazer, porque o mundo está repleto de hereges, os quais pretendendo acabar com as obras, dizem que só a fé basta. Portanto, (...) nós devemos trabalhar para trazer tudo à prática (NADAL, 1561: 45)

Após sua visita à Alemanha, Jerônimo, em uma carta a Inácio, apontou a situação problemática, na qual o país encontrava-se. Ele demonstrou grande preocupação perante a expansão luterana: “Acredito que Deus nosso Senhor fundou a Companhia e a entregou a Igreja com o propósito de acabar com esses heréticos e infiéis.” (NADAL, 1561: 104)

Durante sua estadia em Viena, Jerônimo relatou que uma de suas principais preocupações consistia em “afastar os catecismos heréticos das mãos de nossos estudantes, assim como os livros de autores heréticos, mesmo que não se tratem de matéria de fé.” (NADAL, 1555: 2)

Com isso, torna-se possível supor que sua emulação ante o protestantismo também tenha influenciado sua alegação sobre as potencialidades dos elementos visuais, assim como a produção de uma obra meditacional, alicerçada no poder imagético. Nesta primeira metade do século XVI, os reformistas radicais, como os seguidores de Zwinglio, defendiam a iconoclastia, para a qual a figuração, devido a seu caráter puramente mundano e sectário, não poderia ser utilizada como instrumento religioso. A igreja católica, por sua vez, na tentativa de contestar o discurso reformista, revalorizou o uso da imagem por sua eficácia pedagógica. Além disso, Nadal participou da terceira seção do Concílio de Trento, na qual a importância dos sacramentos foi ratificada, assim como a criação de uma nova iconografia sacra, cujo convencimento associar-se-ia ao deslumbramento decorrente das impressões sensíveis.

De um modo geral, os escritores místicos valorizam as imagens por considerá-las necessárias em sua prática de devoção ou, além disso, seguindo o espírito da época, como poderosa estratégia da luta anti-reformista face ao luteranismo. (OLIVEIRA, 2006: 7)

De acordo com Michael Baxandal, existem três razões para a instituição de imagens no âmbito religioso, contudo somente duas adequam-se ao caso particular do livro de Nadal: para que as mensagens bíblicas e os exemplos sejam fixados em nossa memória e para incitar sentimentos devotos.

São reconhecidas as possibilidades de uma abordagem mais pessoal e afetiva das imagens e a capacidade de pelo menos algumas delas sustentar a devoção, assegurar uma passagem, um transitus (como dirá o abade Suger de Saint-Denis no século XII), permitir uma elevação do visível para o invisível. (SCMITT, 2002:597)

Ao lermos a introdução da obra de Jerônimo, podemos notar como os artifícios pictóricos prostraram-se à disposição da finalidade religiosa. Mas o mais importante consiste na ênfase dada à qualidade atrativa que tal imagem deveria possuir. Assim como a contemplação deveria ser o meio pelo qual a compreensão do *spiritu* direcionaria o devoto às ações no mundo, a imagem deveria ser o instrumento através do qual o recurso ao sensório incitaria um juízo de valor, cuja finalidade centrar-se-ia na utilidade espiritual. Dessa forma, tornando-se método, a representação visual passou a ser concebida como um meio de comunicação, uma técnica persuasiva, cuja legitimação não reside em si própria, mas em seu objetivo final.

(...) por ser o produto de uma atividade puramente mental, antecede todo procedimento técnico, sendo a técnica um modo de comunicação que entra em cena apenas quando o imaginado tem uma utilidade social e merece portanto ser comunicado, assim como se comunica um dado de conhecimento ou uma verdade religiosa. Surge assim o problema do estilo (...) que não se refere ao modo da imagem, mas ao modo de comunicar utilmente o imaginado. (ARGAN, 1987:25)

Utilizando a imagem de acordo com a arte retórica é possível torná-la mais do que uma simples ilustração. Ela comunica-se com o espectador, provocando fortes emoções e fixando assim na alma deste uma lembrança, ou imagem interna, capaz de transformar suas faculdades interiores e, com isso, sua atuação no mundo.

As imagens foram introduzidas devido a nossa indolência emocional; por que os homens que não são tomados pela devoção quando escutam as histórias dos Santos possam ao menos se emocionar quando os vêem, como se estivessem presentes nos quadros. Por que nossos sentimentos são despertados pelas coisas vistas mais que pelas coisas ouvidas (...). As imagens foram introduzidas por que muitas pessoas não podem reter em sua memória o que ouvem, mas recordam se vêem imagens. (BAXANDALL, 1988:52)

A imagem material contém um sentido que perpassa a mera *ornatus* e é captada pelo intelecto humano. Ao assimilá-lo, este, orientado pela arte retórica, alcançará o *Afecto* do

espectador, que, por sua vez, criará uma imagem mental e através da meditação dessa memória visual, sua atuação será influenciada pela mensagem que tal imagem retinha. “As imagens interiores adquirem então maior importância, enquanto se difundem novas imagens exteriores, suporte de experiências extáticas e visionárias” (SCMITT, 2002: 598)

De acordo com O’Malley, a utilização da retórica pelos jesuítas era comum, pois ajudava na acomodação de sua mensagem a diversos públicos. Jerônimo Nadal era um grande conhecedor desta técnica e a utilizou em suas imagens, no intuito de melhor persuadir o leitor/espectador. Nadal fazia parte de uma cultura denominada “humanismo devoto”, na qual as obras de Quintiliano eram tidas como alicerce para a formulação de um estilo literário próprio - *ars dicendi*. Em suas diversas exortações sobre as *Constituições* a defesa das letras é uma constante, pois mesmo que a oração faça do homem um religioso, somente a *eloquentia* sagrada o tornaria capacitado a “falar das coisas da fé”, predicar e até mesmo lidar com os hereges. Posto que o “demônio” tende a ser muito persuasivo, o jesuíta, ainda que possua boas intenções e entendimento das verdades religiosas, fracassaria em sua missão salvífica se não obtivesse essa *scientia* do bem dizer.

(...) as letras nos hão de servir para pelear contra tal sábio, que é o demônio e seus seguidores; e devemos persuadir-nos que, assim como a comum graça e o favor da vocação, Deus nosso Senhor também quis que houvesse nela (na Companhia de Jesus) (...) muitos doutores, uns em Filosofia, outros em Teologia, outros em Retórica e Humanas. (NADAL, 1945:126)

Esta defesa nadalina sobre a relevância das letras – mais precisamente da retórica – assemelha-se à alegação aristotélica quanto à utilidade desta mesma habilidade.

A Retórica é útil porque o verdadeiro e o justo são, por natureza, melhores que seus contrários. Donde se segue que se as decisões não forem proferidas como convém, o verdadeiro e o justo serão necessariamente sacrificados: resultado este digno de censura. (ARISTOTELES, 2000:31)

Com efeito, Nadal teve contato com os estudos aristotélicos, principalmente na Universidade de Alcalá, onde se graduou em Artes. Além disso, a tradição retórica de Quintiliano - que, como vimos à cima, foi uma grande influência na formulação de uma eloquência sagrada - nos remete a Aristóteles, cuja obra *A Arte Retórica* evidencia a centralidade concedida pelo autor à experiência visual, em razão do deleite proveniente desta. Para Aristóteles, a persuasão é incitada pelo prazer advindo das sensações, sobretudo visuais, e, por isso, acreditava que a força icônica deveria ser explorada como técnica retórica - “colocar as coisas diante dos olhos” (OLIVEIRA, 2006:5).

Nos textos natalinos podemos perceber a importância que o jesuíta relega ao pathos. A obediência aos preceitos religiosos, por exemplo, estaria intrinsecamente ligada ao amor do devoto a Deus; para alcançar esse amor Natal aposta em sua cultura visual que, ao aliar técnicas persuasivas a um conteúdo religioso nos revela a misericórdia divina: Deus tornou-se homem e morreu para nos salvar. A compaixão, portanto, torna-se central para a cooptação do leitor, assim como a idéia de que a sua salvação não depende apenas da fé, mas também de ações que perpetuem esse projeto salvífico no mundo.

Você deve procurá-los para encontrá-los (a graça e o poder de Deus), para conceber o Espírito de Deus no seu coração (...). Saiba que a graça é oferecida a você e quando seu poder criar raízes em seu coração você poderá transformá-las em ações divinas e fazer trabalhos dignos da divina glória, com Cristo, como se estivesse trabalhando em você (NADAL, 2003:113)

A memória, que já fazia parte integrante do *corpus* retórico da Antiguidade – referida por Aristóteles, Cícero e Quintiliano – insere-se na tradição religiosa ao tornar-se fundamental à constituição das imagens mentais utilizadas pelos tratados religiosos místicos. De acordo com Fernando de La Flor, textos clássicos como o *Ad Herennium* contribuíram para a formação dos “lugares da memória” presentes nos tratados referentes às imagens cristãs.

Es preciso colocar en orden los lugares y meditarlos mucho para que jamás se olviden, pues las imágenes, lo mismo que las letras se borran cuando no hacemos uso de ellas (FLOR, 1966:64)

Os tópicos, referentes às anotações alfabeticamente organizadas e indicadas a cada acontecimento representado na imagem, constituem um *aide-mémoire*, pois apresentam em poucas linhas - brevidade essa que facilita a memorização – o tema apresentado na meditação. Os sentimentos precedentes a contemplação do *invisibilia per visibilia* são preservados na memória do praticante e é a partir destas lembranças que se torna possível manter-se em contato com a graça divina. Portanto, a *reliquiae cogitationum*- relíquias gravadas em nossa memória, as quais podemos sempre meditar sobre e mais uma vez nos emocionar, conformando nossas ações à graça inerente a tal recordação - é a maneira pela qual o devoto, torna-se o instrumento divino na terra, uma extensão das obras de Cristo anteriormente contempladas.

Através da experiência visual apresentada e a partir destas meticulosas anotações, organizadas alfabeticamente, espera-se que o espectador seja condicionado a construir, juntamente com Natal, uma “imagem mental” referente à cena apresentada. Passo a passo, a ilustração deixa de ser uma produção intelectual particular, de Jerônimo, para tornar-se uma

aliança entre autor e receptor. Além disso, as *adnotationes* tinham como principal objetivo manter a atenção do leitor/espectador em momentos essenciais da narrativa bíblica. Somente através de uma compenetração do devoto sob a construção visual, poder-se-ia contemplar as verdades divinas, pois o mero relance não seria suficiente para alcançar a ascensão espiritual.

Para Nadal, seu livro seria a solução para o problema da inabilidade de se meditar, resultado da *evagatio* – divagação sem propósito – e *curiositas* – distração. Além disso, assim como a imagem representa o controle da imaginação *ad libitum*, uma vez que a conforma com um poder visual concreto que concorda com a ortodoxia católica, as notações que a acompanham reforçam tal concordância ao não permitir que o espectador interprete erroneamente o que lhe foi apresentado.

De acordo com Mellion, o ataque a máxima luterana *sola fide* nos ajuda a compreender o caráter ortodoxo do livro, além do constante destaque à idéia de *contemplatio in actione* presente nas meditações natalinas. Para a eficácia da *practice*, o *spiritu* deveria unir-se à razão; a missão jesuíta distinguiu-se por sua ação no mundo, ratificada pela oração e meditação e associada a uma educação em *humaniora*.

Essa “legenda” associada a cada imagem - uma “orientação” à meditação do leitor, sendo muitas vezes enfáticas nas implicações doutrinárias e ortodoxas de Jerônimo - podem ser relacionadas à seção do livro de Ignácio, *Exercícios Espirituais*, nomeada *Regras para pensar com a Igreja*. Esse capítulo apresenta afirmações sobre a prática pastoral, assim como determinados valores religiosos, apresentando posições ortodoxas semelhantes às de Nadal. Muitas vezes são apresentadas regras contrárias a idéias dissidentes que circulavam na época, como as luteranas. Um ato prudente contra as possíveis suspeitas quanto à demasiada valorização da inspiração interior e da conversação íntima com Deus presente em seu livro.

(...) a meditação ou contemplação é um ato do entendimento e que vem a debilitar a cabeça e as potências, porque o entendimento não pode obrar como sabem os filósofos, sem a ajuda dos sentidos exteriores e inferiores (...) posto que, ainda que isto (meditação) seja um ato do entendimento, deve trabalhar por discorrer pouco e fazer poucos atos do entendimento e muitos da vontade, detendo-se na Santíssima Trindade, ou na Paixão de Cristo, pondo os olhos Nele posto na Cruz; que isso te moverá logo a compaixão (...) para todos é esta a regra comum acerca do bem orar. (NADAL, 1561:199)

A *imitatio Cristhi*, portanto, está intimamente relacionada ao controle da imaginação - uma possível resposta à intensa subjetividade proveniente à época da Reforma - pois adapta a

ação dos homens a um arquétipo a ser seguido, a vida de Cristo. De acordo com Maravall, é próprio da cultura barroca essa direção; uma atitude ortodoxa e conservadora que assemelha-se as atitudes políticas da época, cujo objetivo centrava-se na manutenção dos quadros estamentais da sociedade. A liberdade de engenho era de fato valorizada, mas estava sujeita a um forte princípio de unidade e subordinação. Essa máxima da glorificação da obediência é semelhante ao papel da cultura visual jesuítica, como por exemplo, as imagens natalinas, pois restringem a imaginação e posteriormente a ação do devoto, na medida em que impõe um modelo, através do qual deve direcionar-se. Podemos conceber Maria na *Annunciatio*, por exemplo, como *modellus* para os jesuítas. – “o modelo é mais que exemplo; é um exemplo dado como algo digno de imitação” (REBOUL, 2004:182)



Annunciatio In: Adnotationes et Meditationes in Evangelia 1607 de Jerônimo Nadal

Primeiramente, ao analisarmos a simplicidade de sua moradia, podemos perceber que Maria era uma mulher humilde; além disso, o lírio na mão do anjo simboliza sua pureza. No momento em que recebe a visita de Gabriel, ela encontra-se em profunda contemplação, o que podemos perceber pelo púlpito, que alude ao conteúdo religioso do livro à sua frente e pelo novelo de lã, que não só nos remete a seu conhecimento das antigas prefigurações da Encarnação, como também a seu sincero desejo de resignar-se a vontade divina. Sua submissão ao que lhe foi comunicado também pode ser apreendida por sua posição corporal, que já foi anteriormente explicada. Assim como Maria, os devotos ao entrarem na Companhia destituem-se de todos os seus bens materiais, professando o voto da pobreza, como também o da castidade. Para contemplar a *veritá* divina o jesuíta também deve meditar a partir das

profecias figurais, interpretando-as no intuito de alcançar sua vocação no mundo – companheiro de Jesus – assim como Maria concebeu a sua – Mãe de Deus. A Virgem desejava ser a escolhida (a lâ representa sua esperança de receber tal gloriosa incumbência), pois sabia que este era o desejo do Senhor. Além disso, o púlpito pode referir-se a pregação, ratificando que as verdades divinas não devem ser apenas contempladas, mas sim dispersas no mundo, na tentativa de salvar as almas. Desta mesma forma, através desse entendimento, *spiritu*, o jesuíta passa a amar o Senhor, *corde*, tornando-se servil à Sua vontade e agindo no mundo de acordo com ela, *practice*.

Da mesma maneira que a cena, cautelosamente articulada com suas habilidades construtiva e interpretativa, o discurso, quando eloqüente, tornar-se-ia capaz de criar imagens mentais influentes no sistema cognitivo e analógico que condicionariam as ações humanas e suas práticas devocionais. Após meditar através da sincronia entre “espiritualidade visualizada” e suas orientações para a assimilação da doutrina cristã, o jesuíta, não só estaria preparado para a pregação, devido a sua conversão interior, como também devido a sua facilidade em reconstruir para o público uma imagem que já estaria arraigada em sua memória.

O discurso deve criar imagem. Referência absoluta de uma nova definição da inteligibilidade, a forma visível impõe suas condições ao discurso, pedindo-lhe que crie os meios de uma visibilidade senão real, ao menos metafórica (OLIVEIRA, 2006:2)

Durante o período da Contra Reforma podemos perceber uma crescente institucionalização destas imagens percussivas, claramente influenciadas pela retórica clássica, aplicadas a exercícios de contemplação e meditação e para a pregação. A utilização destas imagens para esta finalidade última – os ministérios jesuítas, em especial a pregação – resultam desta capacidade que tal construção visual possui de organizar separados pontos suscetíveis de evocação com uma forte emoção, proveniente de seus atributos dramáticos.

Destarte, a construção visual de Nadal possui todos os pontos necessários à apreensão do modo de proceder da Companhia, o qual consiste no objetivo de sua obra. Com a exceção de Loyola, Nadal foi o principal responsável pela formação dos jesuítas e sua obra *Adnotationes et Meditationes* representou a completude de suas inúmeras instruções e o fim, ou pelo menos um passo à frente, na busca à harmonia entre vida contemplativa e ativa.

Bibliografia:

- ARGAN, G. **Renascimento y Barroco**. Madrid, Akal: 1987
- _____, **Imagem e Persuasão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ARISTOTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**, Rio de Janeiro: Ediouro; 2000
- _____, **Retórica das Paixões**. Tradução MEYER, Michel. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ASTRAIN, Antoine. **Historia de la Compania de Jesus em la Assistência de Espana**. vols I, II. Madrid: SE, 1912.
- AUERBACH, Erich. **Figura**. São Paulo: Editora Atica, 1997.
- BANGERT, William. **Jerome Nadal, s.j. 1507-1580. Tracking the First Generation of Jesuits**. Chicago: Loyola University Press, 1992.
- BAXANDALL, Michael. *El ojo de la época*. In: **Pintura y bienvenida cotidiana en el Renacimiento. Arte y experiencia en el Quattrocento**. Barcelona: SD; 1988
- CANELLAS, Juan. **Jerónimo Nadal. Vida e influjo**. Cantabria: Sal Terrae, 2007.
- FLOR, Fernando R. de La. **Teatro de La Memoria**. Salamanca: Junta de Castilla y León, 1966.
- MARAVALL, Jose Antonio. **A Cultura do barroco. Análise de uma estrutura histórica**. São Paulo, EDUSP: 1997.
- NADAL, Jerônimo. **Comentários sobre o Instituto da Companhia de Jesus**, São Paulo, SP: Edições Loyola; 2004
- _____. **Contemplatif dans l'action. Écrits spirituels ignatiens (1535-1575)**. Tradução Antoine Lauras S.J. Paris: Desclée de Brouwer, 1994
- _____. **Annotations and Meditations on the Gospels**. Vols. I, II e III. Tradução de HOMANN, Frederick. Philadelphia: Saint Joseph's Press, 2003.
- _____. **Pláticas Espirituales en Coimbra 1561**. Tradução de NICOLAU, Miguel. Granada: Facultad Teológica de la Compania de Jesus, 1945.
- _____. **Epistolae P. Hieronimi Nadal Societatis Jesu, ab anno 1546 ad 1577** (Volume 11).
- _____. *Apología de los ejercicios del P. Ignacio*. Tradução Miguel Lop Sebastia. **Ignaziana. Rivista di ricerca teológica**. 2007.
- OLIVEIRA, Ana Lúcia M. de. **Do Emblema à Metáfora, Breve Abordagem do Visualismo Patético Seiscentista**, disponível no site: www.filologia.org.br
- _____, **A Retórica da Imagem. Sobre as Releituras Seiscentistas de Aristóteles**. X Congresso Internacional da Abralic: 2006 18 pgs. Disponível em: paginas.terra.com.br/arte/dubitoergosum/simp4.htm.
- O'MALLEY, John. **Os Primeiros Jesuítas**, São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS; 2004
- REBOUL, Oliver. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**, SP: Edusc; 2002, vol. 1